



Do Canindé ao Capão Redondo: o trabalho informal como resistência cotidiana em Carolina Maria de Jesus e Ferréz

Andressa Marques da Silva*

“Passageiro do Brasil,

São Paulo,

Agonia que sobrevivem,

Em meio a zorras e covardias,

Perifeiras, vielas e cortiços

[...]

Eu recebi se tic,

Quer dizer kit

De esgoto a céu aberto,

E parede madeirite,

De vergonha não eu não morri,

Tô firmão,

Eis-me aqui”.

Mano Brown (Racionais MC's)

As obras *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), de Ferréz, e *Quarto de despejo* (2005), de Carolina Maria de Jesus, dialogam não apenas por terem a cidade de São Paulo e suas favelas como pano de fundo, mas por ser o trabalho (e a ausência deste) a força

* Mestranda em Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB).

motriz de seu desenvolvimento. As personagens estão sempre na corda bamba da sobrevivência, tentando semear possibilidades em terras inférteis de oportunidades, em um exercício diário de resistência e com a certeza de que entregar os pontos não é uma alternativa aceitável.

James Scott, em “Exploração normal, resistência normal” (2011), transpõe o lugar-comum do marxismo diante da luta de classes e salienta a necessidade de a teoria não excluir a experiência dos agentes humanos no embate histórico entre padrões e trabalhadores. A literatura, espaço privilegiado de poder para quem a produz e para quem a consome, apresenta-se como campo fértil para a reprodução do embate entre as classes (Eagleton: 1994). Na maioria das vezes, contudo, o faz sob a perspectiva excludente de experiência do outro. Este artigo analisa os textos de Carolina Maria de Jesus e Ferréz, estabelecendo um diálogo com a ideia das formas cotidianas de resistência proposta por James Scott, partindo da hipótese de que o trabalho informal e seus arranjos também funcionam como uma possibilidade de resistência cotidiana.

O dilema entre o trabalho e o crime está presente em obras contemporâneas que abordam o espaço das favelas, como é o caso de *Cidade de Deus* (2007), de Paulo Lins, e também funciona como eixo principal de várias letras de rap.¹ Segundo José Apóstolo Netto (2003), o eu poético do rap é o Hamlet da favela, sempre no limbo de caminhos ou alternativas inconciliáveis: ser ou não ser bandido?

¹ RAP são as iniciais de Rythm and Poetry, movimento que surgiu nos anos 1980, na cidade de Nova York, como uma manifestação artística da população excluída dos grandes centros urbanos. Os temas centrais das canções de rap são exclusão social, racial, de classe, de gênero e outros problemas que afetam as periferias.

Transformar o universo do narcotráfico existente nas favelas em mercadoria literária e cinematográfica foi uma fórmula recorrente no Brasil das últimas décadas – a chamada estética da violência. Junto a isso surgiram questionamentos sobre a estigmatização e o fortalecimento de estereótipos das personagens que viviam naquele espaço. A intenção, aqui, é ir além da amarra favela igual a crime, adentrando obras que apresentam uma favela repleta de vozes e experiências diversas, pautadas não apenas na violência. É olhar através das frestas do quarto de despejo e perceber como algumas personagens forjam todos os dias sua resistência por meio do trabalho.

No diário de Carolina de Jesus – escritora e catadora de papel, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950 –, muitas são as passagens em que a autora reclama dos moradores da favela. A escritora explicita o desgosto sentido ao partilhar aquele espaço de dissabores, repleto de homens bêbados, mulheres fofoqueiras e crianças insolentes. Há momentos, contudo, em que precisa defender e fazer coro junto aos favelados esquecidos pelos políticos e injustiçados pela polícia. Nessas ocasiões a autora evidencia a rede de identidades que protagoniza, ora como a outra da favela, ora como igual a seus pares. A favela de Carolina pode soar como uníssona, um único espaço habitado por uma massa ignorante, alcoolizada, desempregada, em que ecoam apenas violências. Mas ali há famílias que se mantêm longe do alcoolismo, que enviam seus filhos à escola, e a quem Carolina dedica respeito. A própria Carolina de Jesus, em meio a tantas dificuldades que enfrenta na educação de seus filhos, preocupa-se com o bem-estar das crianças, não apenas as suas. Ensina-lhes a importância de frequentar a escola, declara não consumir álcool e diz que acha melhor não ter marido

para não apanhar dele e poder escrever em paz. Ou seja, existem outras representações possíveis dentro da favela que se consolidam numa constante resistência; há dilemas e confrontos diários, diante da violência a que essas vidas estão expostas. E as frestas forjadas por uma mulher que cata papel para promover o sustento da família funcionam como possibilidades de entrada de ar.

Segundo Scott, a confrontação dos trabalhadores frente à exploração a que são submetidos pode não se dar de maneira coletiva e armada. Há uma série de atitudes não oficiais de resistência que atingem os exploradores diretamente: “relutância, dissimulação, falsa submissão, pequenos furtos, simulação de ignorância, difamação, provocação de incêndios, sabotagem e assim por diante” (Scott: 2011, 219). Essa é uma perspectiva da luta de classes esquecida por teorias maniqueístas sobre o problema em questão. Perceber as “entre revoltas” – outro termo de Scott – é compreender uma figuração e um protagonismo na defesa dos interesses dos explorados, da melhor forma que se pôde fazê-lo.

A ordem imediatista de quem precisa prover necessidades básicas, como segurança física, alimentação, saúde, terra, renda, entre outros fatores, implica a necessidade de uma atuação que não destrua o mínimo de subsistência já adquirida. É necessário lutar de forma que se tenha uma segurança relativa diante da coerção dos poderosos. Em uma perspectiva direta de exploração do empregado pelo patrão, a sabotagem, a dissimulação e outras atitudes são realizadas tendo em vista um alvo concreto. Hoje, a dinâmica das relações de trabalho mudou bastante e a globalização explica grande parte das novidades – os empregados têm de lidar com padrões invisíveis e há uma grande quantidade de pessoas fora do mercado de trabalho. São exatamente essas pessoas que habi-

tam as favelas dos romances do *corpus* analisado; a elas restou a informalidade, a arquitetura de uma rede de trabalho paralela na qual a criatividade e a necessidade transformam o inimaginável em serviço e/ou mercadoria.

Tal transformação é visível nas obras de Ferréz e Carolina Maria de Jesus, que partem do espaço das ausências, onde os arranjos precários são a ordem do dia e a preocupação perene é sobreviver. Em ambas as obras, as personagens estão sempre em busca de oportunidades de conseguir algum dinheiro, sempre nas vias da informalidade, porque há muitos nós e empecilhos, resultantes da falta de acesso à educação formal e aos benefícios do trabalho com carteira assinada.

Os arranjos econômicos formulados na precariedade são a saída para a falta de oportunidades de trabalho nesses espaços esquecidos à própria sorte. As pessoas buscam no trabalho informal alcançar maneiras de se manter vivas e continuar a significar seus espaços, como faz Carolina de Jesus e alguns personagens de Ferréz. Nesse sentido, o trabalho informal se configura uma forma cotidiana de resistência: funciona como uma maneira de buscar melhores condições de vida e sustento. A argumentação, nesse ponto, pode soar romântica. Sabe-se que o trabalho informal tem seus processos de má remuneração, apresenta péssimas condições em sua realização, não tem a garantia dos direitos trabalhistas (pensando a partir da realidade brasileira). Também é uma peça da engrenagem exploratória do capital, que prevê a ausência de trabalho para todos como chave de manutenção do modo de produção capitalista.

Contudo, é pertinente chamar a atenção para o olhar massificador que apenas transpõe a experiência do embate entre

as classes ocorrido na Europa para os países periféricos, sem tentar compreender a diferença que existe na dinâmica da interação entre exploradores e explorados naquela localidade, assim como pontuou Scott no artigo citado. A forma cotidiana de resistência explicada por Scott é construída como um jeito sorrateiro de resistir à exploração e viver melhor, ora trabalhando menos para que a mais-valia do patrão seja prejudicada, ora sabotando seu empreendimento, demonstrando aversão à exploração da sua força de trabalho da maneira como ela é feita. A forma cotidiana de resistência experienciada pelo trabalho informal também tem o intuito de promover uma melhor vivência por parte dos trabalhadores. Pode demonstrar aos patrões a existência de possibilidades de arranjos inteligentes que permitam ainda a significação dos espaços que, na visão dos proprietários, existiam apenas por conta de seu capital ali aplicado. Nas duas pontas da resistência cotidiana, o mote é sobreviver, ser capaz de protagonizar escolhas às escondidas do patrão. É também se forjar no espaço do “no vaga” deixado por aquele, como bem exemplifica o título de um conto do Ferréz.

Arranjos na precariedade globalizada

A globalização trouxe consequências diretas ao mundo do trabalho, principalmente daqueles e daquelas que não encontram muitas saídas diante da exploração. Bauman (1999) aponta os problemas acumulados em função desse fenômeno e as amarras intransponíveis que ele delega a alguns corpos. Para o autor, nos dias de hoje há uma mobilidade cômoda na dinâmica contratual dos patrões: se o empregador enfrenta problemas no espaço onde sua empresa está inserida, simplesmente abandona aquele local,

sem nada pagar aos trabalhadores que ali ficam. Os donos do poder não são obrigados a permanecer nos locais que se tornem financeiramente desinteressantes, nem a pagar o prejuízo dos que se veem de repente sem trabalho. A rapidez em se transpor o espaço, indo de um país a outro em poucas horas, afetou a dinâmica entre as classes: uma é agraciada por todas as benesses da globalização, enquanto outra é prejudicada pela impossibilidade de sair, ficando presa a uma localidade permeada de ausências.

Um dos contos de Ferréz em *Ninguém é inocente em São Paulo*, intitulado “O plano”, aborda a questão dos impedimentos desenhados pelos que têm poder aos seus subalternos, aos presos à localidade. O autor traz imagens sobre as condenações pelas quais o trabalhador passa:

Os pés descalços, sujos como a mente da elite, o plano vai bem, todos resignados, cada um, uma sequela, chamados desgraçados, nunca têm no bolso o dobro de cinco, nunca passaram na rua da Confluência da Forquilha, e, se passaram, pararam, entraram nos apartamentos, fritaram rosbife, prepararam lindos pratos e em casa nem o ovo é esperado, cuidam da segurança dos outros e em casa nem isso sonham ter (2006, 15).

Os trabalhadores permeiam diariamente o limbo da abundância e da ausência, sem possibilidade de ter para si todas aquelas benesses. O plano a que Ferréz se refere inclui trabalhadores como esses, os empregados que muitas vezes constroem suas maneiras de sabotar a conta-gotas aquela exploração, e também os trabalhadores que estão fora dessa condição direta de explorador-explorado: não estão empregados formalmente, não deixam de ser explorados

por esse motivo, mas não se entregaram às “não alternativas” a eles destinadas pela elite.

A globalização, defendida por alguns como o ápice da interação entre os povos, por democratizar as informações e homogeneizar a condição humana, ao contrário, estabeleceu-se como um polarizador das diferenças entre trabalhadores e patrões, ricos e pobres. A nova velocidade de locomoção e de troca de informações permite que os obstáculos físicos sejam meros detalhes em relação às ações. Já em outra medida, as localidades que antes faziam sentido, por conta da distância e da separação geográfica, perderam esse significado, e aqueles que nelas precisam permanecer se deparam com a dificuldade de reinvenção desse significado. Ou seja, “alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés” (Bauman: 1999, 25).

Refletindo a partir das novas interações impostas pela globalização, o presente artigo procura respostas sobre as saídas encontradas pelos prisioneiros das localidades. Muitos arranjos são feitos para garantir a vida nas localidades, mesmo que essas estejam vazias dos proprietários que outrora promoviam a exploração, mas também garantiam a subsistência. A pergunta é: o que acontece quando a localidade se vê livre da relação exploratória que, embora negativa, também promovia o acesso aos bens mínimos de sobrevivência? O pensamento baumaniano é bastante pessimista quanto a essa questão e vê poucas possibilidades de saída quando tal problema invade os lugares. O método de olhar entre as arestas, empreendido por James Scott, pode indicar a morada dessas possibilidades: a inventividade das pessoas.

O trabalho informal em *Quarto de despejo* e *Ninguém é inocente em São Paulo*

Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, e *Ninguém é inocente em São Paulo*, de Ferréz, promovem interessantes diálogos entre si. Ambos os livros escorregam no terreno deslizante da crítica literária da casa-grande, que dita o que é bom e o que não é digno de ser classificado como alta literatura.² A primeira obra, quando lançada, foi classificada como testemunho; já a segunda foi taxada de panfletária. As duas alcunhas refletem o estigma reforçado pelos guardiões do panteão literário e a inabilidade dos críticos em lidar com a representação do outro, quando feita por esse outro. A cientista política Iris Marion Young formulou o conceito de “perspectiva social” para falar de representação política, o qual é bastante pertinente para pensar também a literatura.

A perspectiva social é o ponto de vista que os membros de um grupo mantêm sobre os processos sociais em função das posições que neles ocupam. [...] As experiências culturais de povos ou de grupos religiosos diferenciados, bem como de grupos que reagem a uma história de injustiças ou de opressão estrutural, frequentemente lhes conferem interpretações refinadas acerca de suas próprias situações e de suas relações com outros grupos (Young: 2006, 164).

O dilema central da obra de Carolina de Jesus é a fome; suas investidas para vencê-la passam por sua relação com o tra-

² Para mais, ver a discussão de Terry Eagleton (1994) acerca do julgamento dos críticos e dos demais elementos que compõem o campo literário.

balho. Pensando na forma cotidiana de resistência, da qual falou Scott, o fazer de Carolina é intrínseco à sua sobrevivência, afinal à personagem-autora restaram as ínfimas ferramentas existentes naquele espaço que os padrões preferem esquecido, como explicou Bauman, e é com elas que Carolina resiste no dia a dia.

Steven Johnson, em “Complexidade urbana e enredo romanesco” (2009), explica as formas com que as cidades têm suas dinâmicas construídas: o quanto o comércio e suas redes podem tornar certo lugar o mais privilegiado da cidade e outros, marginalizados. O autor constrói esse argumento a fim de entender o modo de representação da cidade e suas teias no romance. A argumentação construída neste artigo se vale mais da discussão de Johnson acerca da dinâmica que valoriza certos lugares em detrimento de outros do que da concernente à representação das cidades e seus ruídos nos romances. Por esse motivo, a discussão aqui presente se localiza na problemática de que certos espaços serão a morada dos abastados, com belas ruas, acesso fácil aos centros comerciais valorizados, segurança e outras vantagens. Já outros serão o resto, aquilo que não deve ser visto, mas, sim, se possível, esquecido: o quarto de despejo.

É preciso, entretanto, compreender esse espaço de negações para além das ausências. Simplificar as redes construídas por aqueles que tiveram a miséria como oferta é uma violência. Existe uma rede comercial, afetiva, de informações, de trocas, em que a resistência se dá de maneira diversa, permitindo que aqueles espaços se mantenham minimamente. A informalidade e a criatividade são os artefatos da resistência.

Logo na primeira página de seu livro, Carolina de Jesus registra: “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender

[...]. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta” (Jesus: 2005, 9). Neste trecho, a autora descreve parte de seu cotidiano como catadora de papel e lavadeira de roupas, tarefas historicamente sublocadas na escala produtiva, trabalhos informais sem garantias legais naquele período, cenário que ainda persiste. Carolina segue em sua escrita: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte” (Jesus: 2005, 10). O trecho demonstra o quanto o trabalho de Carolina é um martírio, mas também a única saída forjada por ela para saciar sua fome e a de seus filhos: “Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça” (Jesus: 2005, 27).

A mediação de conflitos dessa natureza no espaço da favela acentua a resistência daqueles que encontraram formas para sabotar a violência – agora não mais a do patrão, pois também esse é ausente, mas do Estado, que os renega, e de todo um grupo detentor de poder, que prefere esquecer que eles existem. Carolina de Jesus demonstra descontentamento com o descaso do governo diante da situação dos favelados: “Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela” (Jesus: 2005, 36). Neste trecho, a autora demonstra sua revolta com o Estado e seu desagrado em voltar para o quintal da cidade; porém, vendeu os ferros, fez o seu trabalho, encontrou sua maneira de se fazer existente no quintal. Talvez pudesse não refletir sobre sua vida “infausta”, como relata várias vezes em sua obra, porém é exótica, quis fazer

um vestido com o céu estrelado. Por essas e outras, Carolina encontrou sua forma de fazer “o plano”, o que Ferréz evidenciou em seu conto: desviar seu curso. Carolina fez valer seu lugar de trabalhadora que resiste cotidianamente.

O conto “Pão doce”, de Ferréz, traz a imagem escancarada de um trabalhador explorado como mão de obra braçal em uma grande rede de supermercados. O rapaz é repositor de mercadorias: carrega peso o dia todo e é humilhado por seu chefe direto:

Esses dias descarreguei dois caminhões sozinho. Quando tentei parar um pouco, olhei para trás e lá estava o gerente. Seus olhos me diziam: “Se você encostar para descansar, eu vou fuder sua vida, vou comer sua mulher na sua frente”. Trabalhei até 11 horas. Estava quase desmaiando de fome, o mercado cheio de comida, tudo que é tipo de alimentação, mas se nos virem comendo é justa causa (2006, 30).

Em uma visita surpresa do patrão, o rapaz passou pela humilhação de ser obrigado a tomar banho: o patrão disse que ele estava fedido e que incomodava aos clientes. Ora, a condição de seu trabalho é que o levava a transpirar muito. Diante de tamanha humilhação, o jovem foi embora, sentindo-se aliviado por sair daquele espaço de opressões viscerais; foi embora no meio do expediente, sabotando o curso ideal de um dia de trabalho. Algo semelhante ocorria com Carolina de Jesus, a quem as pessoas chamavam de “negra fedida”, conforme relatou em seu diário.

A questão central proposta por este artigo é pensar o trabalho informal como uma alternativa, uma forma viável de resistência. É razoável pensar que os pequenos arranjos que os pobres

fazem para se manter vivos são uma *performance* cotidiana de resistência. O conto “No vaga”, de Ferréz, caracteriza essa imagem de invenção dos subterfúgios de automanutenção por parte dos subalternos. O autor retrata o diálogo entre dois amigos desempregados acerca das possibilidades de emprego, verdadeiras armadilhas: nesses anúncios os interessados devem comprar o produto para depois vendê-lo e, assim, obter seu lucro. As personagens relatam histórias de amigos que se endividaram tentando encontrar saídas para o desemprego; essas oportunidades são trabalhos completamente informais e sem garantias, mas figuram como saídas para o ganho de algum dinheiro, mesmo que se perca um pouco no início. No final do conto, as personagens se veem empolgadas com a mesma armadilha que relataram ter afundado seus amigos em dívidas, mostrando que a resistência ao desemprego e à miséria propulsiona a vida dessas pessoas que convivem na favela, espaço de muitas impossibilidades.

O conto “Assunto de família” apresenta-se como uma carta que o escritor envia a seu pai, contando como anda seu trabalho, lembrando alguns momentos da infância e agradecendo ao genitor pelos ensinamentos. Em um trecho, pode-se perceber que o trabalho registrado é visto como uma “sorte”, algo que acontece na vida de poucos felizardos, então os que não têm a mesma sorte são obrigados a forjar outras formas de resistir.

Sabe, Pai, o senhor deve estar jogando dominó ou baralho em algum barzinho, num canto de algum gueto, é o seu jeito, né não? O senhor lembra das noites que passamos em claro no bar do Domingos? Pena que ele baleou aquele cara e o bar fechou, mas a nossa luta prossegue e muita coisa mudou por aqui. Pai, agora tem uma

pá de tiozinho que está puxando carrinho de ferro velho, a maioria com mais de 50 anos, eles não deram a sua sorte de arrumar um trampo registrado logo que chegaram aqui, e são abandonados por essa porcaria de país colonizado (Ferréz: 2006, 79).

O país colonizado abandonou aquelas pessoas; ainda assim, elas ali estão e transformam a favela com as ferramentas que possuem.

Em outro momento do mesmo conto, o filho escreve ao pai: “Os moleques aqui não chegam nem perto de algum livro, mas ficam o dia inteiro sem nada pra fazer, pensando no que queriam comer, vendo a mãe chegando com as latinhas que catou durante o dia inteiro e no total só dá pra comprar um pacote de arroz” (Ferréz: 2006, 80). O que fariam essas mães se não tivessem edificado precárias maneiras de resistir perante uma vida faltante? É perigoso considerar esses arranjos construídos na precariedade como uma fórmula romântica que torna a favela um espaço encantado de superações; e não é esse o intuito do presente artigo, mas, sim, o de pontuar que, em vez de cruzar os braços esperando soluções milagrosas para a fome, seus habitantes encontram sua forma de sabotar o plano de quem os quer famélicos.

“Tenho certeza de que tem mais um pobre em algum baraco de Heliópolis tentando raciocinar, tentando entender como irá ganhar dinheiro para ter aquele tênis, sem um trampo, sem poder pedir para sua família, pois sabe que o salário só dá para o básico” (Ferréz: 2006, 81). A arquitetura das resistências estabelecidas na precariedade cria subterfúgios mínimos de automanutenção para os excluídos. Os trabalhos autônomos, os “corres”, na linguagem popular, acabam se estabelecendo como uma forma de

burlar o plano traçado para as vidas subalternas. Tanto em Ferréz quanto em Carolina de Jesus, encontramos o feitio sorrateiro da sobrevivência sendo articulado pelas personagens; temos, então, as *performances* de trabalho informal, uma saída forjada pelos excluídos, sendo fabricadas de dentro da camisa de força simbólica, como bem cunhou Scott.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. “Tempo e classe”. In: _____. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea” *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n° 20, pp. 33-77.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FERRÉZ. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada [1960]*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- JOHNSON, Steven. “Complexidade urbana e enredo romanesco”. In: MORETTI, Franco (org.). *A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo. Companhia de Bolso, 2007.
- NETTO, José Apóstolo. “Dos Racionais aos Emocionais MC’s: um olhar marginal da relação música, favela e dinheiro”. *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n° 27, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/027/27cnetto.htm>>. Acesso em 20 jul. 2011.
- SCOTT, James C. “Exploração normal, resistência normal”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n° 5, 2011, pp. 217-43.
- YOUNG, Iris Marion. “Representação política, identidade e minorias”. *Lua Nova – Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n° 67, 2006, pp. 139-90.